

## A COGNIÇÃO CONTEMPORÂNEA E A APRENDIZAGEM INVENTIVA\*

Virginia Kastrup

Fazer da cognição contemporânea um problema é entendê-la como estando inscrita no tempo, é investigá-la do ponto de vista das transformações que nela tem lugar. O tema indica ainda uma especial atenção ao presente, à nossa atualidade. Mas o que se toma aqui por “atualidade” ou ainda por “presente”? O presente não é aqui entendido como um instante ou momento que se segue ao passado e que antecede o futuro. A referência não é um tempo cronológico, linear e sucessivo. Remeto a H. Bergson, para quem o presente é um elemento-chave numa ontologia do tempo:

O que é, para mim, o momento presente? É próprio do tempo decorrer; o tempo já decorrido é passado, e chamamos presente o instante em que ele decorre. Mas não se trata aqui de um instante matemático. Certamente há um presente ideal, puramente concebido, limite indivisível que separaria o passado do futuro. Mas o presente real, concreto, vivido, aquele a que me refiro quando falo de minha percepção presente, esse ocupa necessariamente uma duração. Onde portanto se situa essa duração? Estará aquém, ou estará além do ponto matemático que determino idealmente quando penso no instante presente?

\* Texto originalmente publicado em *Arquivos Brasileiros de Psicologia* 49, p.108-122, 1998.

fundo ao futuro  
- tem gente que  
funde ao passado!

Evidentemente está aquém e além ao mesmo tempo, e o que chamo "meu presente" estende-se sobre meu passado e sobre meu futuro. Sobre meu passado em primeiro lugar, pois "o momento em que falo já está distante de mim"; sobre meu futuro a seguir, pois é sobre o futuro que esse momento está inclinado, é para o futuro que eu tendo, e se eu pudesse fixar esse indivisível presente, esse elemento infinitesimal da curva do tempo, é a direção do futuro que ele mostraria. (Bergson, 1897, p.113).

Nessa passagem Bergson deixa claro que o presente possui uma situação privilegiada, pois ele encarna a passagem do tempo, a transformação. Possuindo uma espessura temporal, o presente não sucede o passado nem precede o futuro, mas faz coexistirem esses tempos. Do passado, possui a virtualidade; do futuro a imprevisibilidade.

Tomando essa idéia de Bergson para deixar claro que ao falar de subjetividade contemporânea, a atenção ao presente não se justifica, em princípio, por aquilo que nosso presente possui de específico, de datado, mas sim por seu estatuto de campo movente. De saída, o presente nos interessa, nos força a pensar, não pelo ineditismo das formas de subjetividade que aí se configuram, mas porque ele nos coloca em contato com o movimento de transformação das formas constituídas. Nossa atenção ao presente não vai, em princípio, em busca de novas estratificações, mas sim de uma certa deriva da subjetividade. A atualidade não revela um domínio estável e formas instituídas, nem a resultante de uma sucessão linear de eventos, mas um campo instável, do qual as transformações fazem parte. Não me refiro a um estado atual, mas a uma atualidade em movimento. Em resumo, a atualidade traz certamente consigo o passado, certas configurações históricas caracterizadas pela regularidade. Mas é também na atualidade que tais regularidades são desestabilizadas e novidades são esboçadas, inclinando o presente na direção do futuro. Isso me parece ser a orientação mais precisa para o entendimento do que

sempre referir-se ao tempo?

seja a cognição contemporânea, e também o que marca a importância de sua investigação.

O confronto entre o domínio da história e os problemas que são contra, e apesar dela colocados, foram tematizados por Nietzsche em sua *Segunda Consideração Intempestiva* que tem o título de *Sobre a Utilidade e os Inconvenientes dos Estudos Históricos para a Vida*. Nietzsche denomina inatural ou intempestivo o ato de pensamento fora da história, fora de hora, extemporâneo, que irrompe contra o saber instituído. O problema de Nietzsche é a filosofia, que para ele não é eterna nem histórica, mas intempestiva. Isso significa que ela age "de uma maneira inatural, quer dizer, contra o tempo, e assim sobre o tempo, em favor (...) de um tempo por vir" (1874, p.73). O termo inatural justifica-se em função de sua oposição em relação ao atual, que Nietzsche identifica ao histórico, à cultura instituída. Através da oposição entre o atual-histórico e o inatural-filosófico, Nietzsche afirma a existência de uma força que age contra a história, de um pensamento que problematiza a história, que pensa malgrado a história. O conceito de inatural é importante, pois através dele Nietzsche liberta o potencial criador do pensamento filosófico de um suposto determinismo histórico. Além do mais, por opor o inatural ao atual, dá a indicação de que o pensamento não age em abstrato, mas contra seu tempo, contra algo que tem uma existência concreta, indicando que há um combate sempre localizado entre o pensamento e a história, que envolve uma certa configuração de forças.

A formulação nietzscheana do problema é invertida por M. Foucault, sem entretanto alterar o sentido da formulação de Nietzsche. Para Foucault, é na atualidade que se encontram as forças que agem contra a história, que respondem pela novidade, que fazem a diferença na história. A oposição, ou melhor, a fricção, passa a ser entre a história e o atual. Num texto que comenta sua obra, Deleuze denomina Foucault um "historiador do presente". Acompanhando sua análise, vemos operar uma concepção de tempo que distingue o tempo passado, lugar dos estratos históricos, e o tempo presente, em que o tempo é o devenir que faz a diferença na história. É esse devenir que, promovendo uma bifurcação

P - contra a história

P - que presente / que opõe a história

ESTRATOS  
ATUAL → (históricos) → o que nos  
presentes / presentes

no caminho traçado pela história, aponta para o futuro. Esses tempos, que se distinguem conceitualmente, coexistem nos dispositivos. As formas são politemporais. Cito Deleuze:

A novidade de um dispositivo em relação aos precedentes chamamos a sua atualidade, a nossa atualidade. O novo é o atual. O atual não é o que somos, mas antes o que nos tornamos, o que estamos a caminho de nos tornar, ou seja, o Outro, nosso tornar-nos outro. Em qualquer dispositivo é preciso distinguir entre o que somos (o que já não somos mais) e o que estamos a caminho de nos tornar: a parte de história e a parte de atual" (1988, p.86).

Essa distinção indica a coexistência de formas conservadas, estabilizadas, que formam os estratos históricos, e de forças intempestivas, atuando no sentido da transformação, da desestabilização das condições históricas. A atualidade surge como uma instância em que coexistem a regularidade e a instabilidade. Seriam como suas duas faces. Sem os estratos históricos, a atualidade seria puro movimento, agitação incessante, dispersão total. Seria, portanto, inviável. Por outro lado, sem sua face intempestiva, sem a força do devir, toda atualidade seria explicada pelo passado, isto é, historicamente. Nesse sentido, ela seria previsível, nada ocorrendo de verdadeiramente novo.

Foucault é um historiador do presente ao falar de formações históricas abertas, não totalizantes, envolvidas por uma "borda do tempo" (Foucault, 1969), signo de sua virtual transformação. As formações históricas são passíveis de uma análise, que explore suas regularidades específicas, mas esta só ganha sentido quando remete ao presente, ou seja, ao movimento no qual as formações estão mergulhadas. Seu trabalho com a história possui então duas vias: a de uma análise dos estratos históricos e a de diagnóstico do presente – diagnóstico que aí não se confunde com prognóstico, previsão, antecipação. Flagrada em seu movimento, a atualidade aparece como fonte de diferenciação, de

→ tremores nos estratos -  
→ a validade = esboço indefinido

divergência. Se pensamos na questão da subjetividade contemporânea, é preciso concluir que sua investigação deve captar o movimento que ocorre nos estratos, que cava um intervalo entre eles, nos seus interstícios, ou seja, os tremores que ocorrem no seio dos estratos. Ainda remetendo ao texto de Deleuze, verificamos que se queremos falar sobre a subjetividade contemporânea, devemos estar atentos para o fato de que dela não podemos fazer uma análise. Só há análise dos estratos históricos, das formas constituídas, das sedimentações estabelecidas. Do contemporâneo, da atualidade, é no entanto possível fazer um diagnóstico. Pois a atualidade só configura um esboço, e não um desenho de contorno definido. Esboço que não autoriza antecipações do futuro. Como diz Deleuze, não é possível prever, mas "estar atento ao desconhecido que bate à porta" (1988, p.87). Em princípio, o diagnóstico que é tirado dessa atenção à atualidade é que somos diferença. Estamos inscritos na história, funcionamos a partir de condições históricas, mas estamos também em devir, em constante processo de diferenciação de nós mesmos. E é no presente que as continuidades são quebradas e as identidades, dissipadas.

Não é outra a direção da distinção estabelecida por Deleuze entre história e pensamento, ou história e experimentação, num momento em que fala da experimentação filosófica. Para Deleuze, a história diz respeito às condições de existência do pensamento, às referências nas quais ele se encontra imerso. Ao contrário, o pensamento é o movimento que rompe com tais condições, que as desfaz em proveito de outra coisa – a experimentação. A indissociabilidade entre o pensamento e a história é enunciada da seguinte maneira: "Pensar é sempre experimentar" – não interpretar, mas experimentar – e a experimentação é sempre o atual, o nascente, o novo, o que está em vias de se fazer. A história não é a experimentação; é apenas o conjunto das condições quase negativas que possibilitam a experimentação de algo que escapa à história" (Deleuze, 1992, p.132).

Nesse contexto, a novidade não se encontra submetida a qualquer tipo de determinismo histórico, mas também não surge a partir do nada, "ex-nihilo", encontrando na história suas condi-

o que  
é  
histórico

esse sempre  
histórico

- Foucault - 1) ANÁLISE dos ESTRATOS /  
2) DIAGNÓSTICO do PRESENTE

ções. Condições concretas, constituídas empiricamente, mas que não determinam, deixando margem para pensar diferentemente e portanto para a invenção. Dito de outra forma, o pensamento não trabalha a partir do nada, de forma espontânea, mas é atingido por forças que o levam a pensar. Essas forças não são outras senão aquelas da atualidade, que constitui o único solo de emergência do pensamento e da novidade.

Se buscamos, através dos parâmetros da psicologia tradicional, entender as transformações que têm lugar na cognição contemporânea, somos conduzidos a uma perspectiva ambientalista. A pergunta seria então: como um novo ambiente determina mudanças na cognição? Ou então: como o sujeito do conhecimento se adapta a esse novo ambiente? Colocando o problema dessa maneira, seguiríamos o caminho traçado pelas psicologias da aprendizagem que se baseiam no pressuposto realista de um mundo dado. Entretanto, a perspectiva ambientalista não permite pensar a invenção do próprio mundo e sobretudo o mundo em processo de transformação - e é isso que caracteriza nossa atualidade: o mundo em notável movimento, mundo movente, em transformação acelerada.

O tema das modificações da cognição ao longo do tempo não foi apenas explorado pela psicologia da aprendizagem, mas também por perspectivas que traduzem a questão como um problema de desenvolvimento cognitivo. No entanto, as transformações cognitivas vividas hoje não parecem configurar uma evolução ou um progresso, mas sim um devir. Surgem como bifurcações, divergências, transformações laterais. A atenção à atualidade dá indícios de que a cognição muda, mas não parece justo situar tais mudanças numa escala hierárquica. (Miller/Pier)

Procurando entender os devires da cognição no contemporâneo, busco novos intercessores para a psicologia da cognição. A atual biologia do conhecimento, mais conhecida como Teoria da Autopoiese, concebida pelos chilenos H. Maturana e F. Varela fornece, a meu ver, importantes referências para uma nova colocação do problema da cognição, recusando o modelo da representação e promovendo seu entendimento como invenção de si

e do mundo. Além disso, encontro em G. Deleuze e F. Guattari intercessores importantes para que a psicologia possa pensar as transformações que atualmente têm lugar na cognição. É exatamente o ponto onde os estudos da cognição desenvolvidos por Varela e Maturana se encontram com os de Deleuze e Guattari acerca da produção da subjetividade que vou explorar aqui.

De acordo com o que afirmei anteriormente, para que possamos entender as novas formas de conhecer e viver que se esboçam na atualidade é preciso afirmar o presente como movimento de virtualização das formas cognitivas constituídas. As condições da cognição guardam uma tensão entre formas constituídas e forças de instabilização dessas mesmas formas. Forças do presente, que imprimem um movimento de problematização das antigas formas, colocando a cognição na rota da experimentação. As novas tecnologias da informação, por exemplo, que hoje fazem parte de nosso domínio cognitivo não devem ser entendidas como meros objetos, tampouco como soluções para antigos problemas, mas como focos de criação de novos problemas, de novas relações com a informação, com o tempo, com o espaço, consigo mesmo e com os outros. A partir desse quadro, a relação entre as formas constituídas e o presente não é de rompimento ou de descontinuidade, mas sim de coexistência. Cumpre pensar as condições da cognição não como invariantes ou históricas, mas como politemporais.

Gostaria de me deter um pouco nessa questão, pois encontro aí um ponto onde a teoria da autopoiese traz uma grande novidade para os estudos da cognição. Pois é possível identificar no quadro dos estudos tradicionais dois eixos distintos, que correspondem a duas maneiras de entender o tempo. No primeiro eixo se encontram as abordagens que são partidárias da eternidade e no segundo aquelas que são partidárias da história. Do lado da eternidade estão todas as teorias que buscam os invariantes da cognição. Elas reconhecem que as percepções variam de sujeito a sujeito, que os pensamentos se modificam, que as lembranças e hábitos se transformam, mas esse reconhecimento é restrito ao plano dos conteúdos da percepção, do pensamento e da memória.

Segundo essa perspectiva, essas transformações não chegam a

- efundade - invariantes da cognição → condições
- historicidade - mutabilidade - tempo e história → condições

abre invariantes da cognição

ATUAL  
IDADE  
MUNDO  
EM  
MOVIMENTO

→ transformar o plano de funcionamento  
da cognição + conteúdo da cognição

atingir o plano das formas de conhecer, das condições da cognição,  
→ ou seja, o plano das leis do funcionamento da cognição. As cog-  
nições são sujeitas a transformações, mas o plano das condições  
da cognição é refratário a elas. Resta encapsulado, (isolado dos  
efeitos do tempo). Contra essa maneira de pensar surgiram os tra-  
balhos da chamada (psicologia histórica), desenvolvida por Jean-  
Pierre Vernant e P. Ariès, dentre outros. Tais estudos configuram a  
vertente histórica dos estudos da cognição. Seu mérito foi, através  
de estudos concretos e locais, como a invenção do pensamento  
racional na Grécia Antiga ou a invenção da criança, questionar  
uma certa naturalização ou o desejo de eternidade que marca o  
campo da psicologia em geral, em que a psicologia cognitiva não  
constitui exceção. Para a vertente da psicologia histórica o tempo  
afeta as condições da cognição, transformando suas regras de fun-  
cionamento efetivo e não apenas seus conteúdos.

Entretanto, o trabalho de Maturana e Varela desloca a  
polêmica de se as condições da cognição são invariáveis (ou) histó-  
ricas, explorando o campo bem mais complexo da politempo-  
ralidade. Sua novidade é ter colocado em evidência que coexiste  
com as condições históricas um presente vivo, que funciona como  
problematização das configurações históricas. O problema não  
é entender o funcionamento cognitivo como produzido historica-  
mente, mas sim como o presente é capaz de promover rachaduras  
nos estratos históricos, nos antigos hábitos mentais, nos  
acoplamentos estruturais estabelecidos e produzir novidade. Para  
pensar condições politemporais foi preciso liberar a força do  
presente, desamarrá-lo do passado, liberá-lo dos constrangimen-  
tos históricos.

Em resumo, me parece que a atenção à atualidade indica  
uma direção para os estudos da cognição que reorienta seu foco  
do estudo das formas ou estruturas cognitivas para suas pontas  
de presente. Conforme veremos, a importância do conceito de  
breakdown, desenvolvido por Varela, advém daí. É o presente vivo  
que coexiste com a história dos acoplamentos estruturais. Através  
dessa noção, Varela introduz nos estudos da cognição a possi-  
bilidade de pensá-la em devir, devir que faz bifurcar a história.

O tema da aprendizagem surge inteiramente ressignificado  
à luz da Teoria da Autopoiese e uma concepção original se esboça  
com F. Varela, quando aborda o problema tomando o artista como  
o protótipo do aprendiz. A aprendizagem não é então adaptação a  
um ambiente dado nem obtenção de um saber, mas experimen-  
tação, invenção de si e do mundo. A invenção da obra de arte é  
correlata da produção do próprio artista<sup>1</sup>.

Começo por explicitar a novidade da teoria da ação que  
surge com Maturana e Varela em relação às teorias psicológicas.  
Para Maturana e Varela o sistema vivo é um sistema cognitivo em  
constante movimento, em processo de autoprodução permanente,  
autopoietico. A fórmula proposta é: SER = FAZER = CONHE-  
CER. Quando o vivo se define como sistema autopoietico, seu  
operar se confunde com o próprio processo de criação de si, ou,  
como na formulação de Varela: "o fazer é ontológico" (Varela,  
1988, p.99). Tomar a conduta como possuindo dimensão cog-  
nitiva não significa apreendê-la do ponto de vista de sua lógica sub-  
jacente. Não se trata da lógica da ação, mas do fluir da conduta  
(Maturana e Mpodozis, 1992, p.18). Como consequência, a consi-  
deração da cognição enquanto ação ou prática não vai conduzir a  
estruturas invariáveis da cognição, mas à questão de sua modifi-  
cação permanente. Significará também acentuar sua dimensão de  
invenção de mundo. O conhecimento, como ação efetiva, permiti-  
rá ao ser vivo continuar sua existência num meio determinado, na  
exata medida em que ele constrói esse mundo.

O domínio cognitivo não é um domínio de representa-  
ções, mas um domínio experencial e emergido das interações e  
dos acoplamentos do organismo. Não há relações objetivas com o  
ambiente, independentes da posição, da direção e da história, mas  
são especificadas pela estrutura do organismo. No entanto, a es-  
trutura condiciona, mas não determina as ações, visto que ela  
própria é permeável a múltiplas perturbações, cujos efeitos são

<sup>1</sup> Retomo aqui algumas passagens do texto "Acting, Learning, Enacting"  
(Kastrup, 1997).

busca das leis invariantes da conduta

behaviorismo  
- Piaget Construtivismo (microgenético)

inantecipáveis. Se Maturana e Varela falam em determinismo estrutural é para combater a idéia de um mundo preexistente, pré-dado, que existiria independente do vivo. Em resumo, para diferenciar sua posição do modelo do tubo (input-output) os autores da autopoiese falam de determinismo estrutural ou mesmo determinismo interno. Mas é preciso analisar com cuidado a questão do determinismo no quadro conceitual da teoria da autopoiese.

Falamos em determinismo quando a mesma causa produz sempre o mesmo efeito. Como lembra Bergson (1920), o ponto de vista determinista exige a hipótese ontológica da preformação. O efeito existe, real ou idealmente na causa, ou seja, a título de possível. Nesse caso, o futuro está dado no presente e o tempo não traz nada de novo. Pelo fato da causalidade ser uma relação necessária, ela é estranha à verdadeira criação, que é criação do novo e imprevisível. Quando dizemos que a estrutura condiciona, mas não determina, queremos afirmar que o efeito emerge dela, mas que não pode ser previsto.

A consideração de uma conduta que é aberta para a imprevisibilidade sela definitivamente o afastamento da perspectiva de Maturana e Varela, tanto do behaviorismo, quanto da abordagem de Piaget, pois essas duas teorias da conduta, em que pesem suas inúmeras diferenças, têm em comum situar seu estudo no âmbito da previsibilidade. Avesso ao tema das estruturas, o behaviorismo se concentra na aprendizagem, mas o que move seu estudo é a questão das leis da aprendizagem. O comportamento aprendido é um comportamento que se repete como hábito ou habilidade, e conhecê-lo cientificamente é ser capaz de fazer sua previsão e controle. Em Piaget, o tema da aprendizagem dá lugar àquele da gênese das estruturas da inteligência, que autoriza previsão da ordem seqüencial de sua construção, tida como invariante. Piaget faz um estranho criacionismo, que podemos chamar de criacionismo de caminho necessário. Reitera que as estruturas cognitivas não são dadas, mas construídas. Mas, nesse estranho criacionismo, todos os sujeitos percorrem um mesmo caminho, caminho hierarquizado e que cria gradualmente as condições de possibilidade do conhecimento científico. É toda uma outra colo-

- inventam o novo n e inventam o velho!

cação do problema da invenção, que não cabe desenvolver aqui. No momento, basta apontar que o que separa inevitavelmente a obra de Piaget no domínio da cognição (e seu construtivismo que leva sempre ao mesmo lugar) da de Varela e Maturana é a intenção explícita do primeiro de conciliar a idéia de invenção com a idéia de necessidade. Falar em invenções necessárias é, do ponto de vista do criacionismo tanto dos biólogos da autopoiese quanto de Deleuze e Guattari, uma formulação no mínimo contraditória, pois toda a potência do criacionismo está em sua possibilidade em dar conta da invenção do novo e imprevisível. Por outro lado, a preocupação com a previsibilidade é indissociável do problema que move a investigação tanto do behaviorismo quanto da epistemologia genética: a busca das leis e princípios invariantes da conduta.

A novidade do estudo da conduta desenvolvido por Maturana e Varela provém da consideração de uma espécie de hesitação ou problematização que precede toda ação, até a mais simples. Quando, caminhando pela rua, me dou conta de que esqueci um livro em casa, ou mesmo quando um inseto precisa decidir, com base em seu restrito repertório, qual o comportamento a executar, ocorre uma hesitação em relação ao que fazer. Denominam perturbação ou breakdown o que, numa linguagem bergsoniana, podemos chamar "problematização". Não há para a palavra breakdown uma tradução exata em português; seria uma espécie de quebra ou rachadura na continuidade cognitiva. Quebra de continuidade que, paradoxalmente, assegura o fluir da conduta.

Varela afirma que os breakdowns são a fonte do lado autônomo e criativo da cognição viva. O breakdown faz parte do campo da experiência cognitiva, mas remete a um campo pré-subjetivo, que envolve uma rica dinâmica entre elementos da rede neural.

Para dar consistência à noção de breakdown, Varela evoca pesquisas recentes desenvolvidas no campo nas neurociências que indicam a existência de um correlato neural de tais experiências. Trata-se de uma atividade caótica, de oscilações sinápticas muito rápidas (cerca de 5 a 10 milissegundos), que precedem a formação dos agregados funcionais de neurônios, correlatos à estabilização da experiência (percepção, hábito, etc.), e que res-

- HESITAÇÃO / BREAKDOWN / PERTURBAÇÃO (na unidade) M. e Varela. 1985

kk

kk

ne kar (nkus) 70/5



- MAQUINISMO -  
- MECANISMO -

O agenciamento faz máquinas, máquinas heterogênicas. No caso em questão, trata-se da produção de uma unidade complexa aprendiz-instrumento, capaz de produzir um processo de diferenciação recíproca. O conceito de agenciamento maquínico dos corpos faz perceber que eliminar o intermediário da representação não é recair num mecanicismo desgastado. A confusão entre maquínico e mecânico se justificaria por estarmos, em ambos os casos, num domínio em que as relações são diretas, imediatas. Mas a relação mecânica se dá entre elementos prévios, enquanto o agenciamento maquínico põe em conexão fluxos ou processos. Os agenciamentos maquínicos criam formas, enquanto os mecanismos são, eles mesmos, configurações, acrescentando-se a isso que o movimento não abole a configuração. Para o mecanicismo, dados os mesmos elementos e as mesmas relações, obtemos sempre o mesmo produto, que no caso seria um comportamento que se repetiria sempre da mesma forma. O agenciamento maquínico, ao contrário, estabelece relações de comunicação sem determinismo, capazes de gerar diferentes produtos e a heterogênesse da própria máquina.

Se entendemos o aprender flauta como um agenciamento maquínico, aprender resta sendo eliminar distâncias. Aprende-se entre a boca e a flauta, aprende-se no meio, na superfície de seu acoplamento, fora do campo da representação. Como no caso da adaptação com o meio, trata-se de tirar partido dos constrangimentos materiais da flauta. Tira-se partido da flauta quando o movimento de soprar consegue agenciar-se com a disposição do instrumento e gerar, ao mesmo tempo, o som e o aprendiz.

Pensando o acoplamento como agenciamento maquínico fica evidenciado que o produto da aprendizagem não é uma repetição mecânica, repetição do mesmo, mas uma atividade criadora, que elimina o suposto determinismo do objeto ou do ambiente, atividade sempre em devir. Aprende verdadeiramente aquele que cria permanentemente na relação com o instrumento, reinventando-se também como músico de maneira incessante.

Para Deleuze a arte é o destino inconsciente do aprendiz. Não dispõe de melhor aprendizagem aquele que toca repetindo a música sempre da mesma forma, mas aquele que é capaz de

- aprende - eliminando diferenças

mas e o aprendiz sem máquina?  
?? ?

interpretá-la, ou seja, aquele que, em suas repetições, é capaz do maior número de variações. Destaco esse ponto, pois há um lugar para a repetição nessa concepção de aprendizagem. A repetição serve para corporificar o conhecimento, para eliminar a análise, a representação. A aprendizagem, em sentido deleuziano, não é analítica nem reflexiva. Se ela passa pela reflexão, não se esgota aí. Ela envolve intimidade, contato direto, corporal com a matéria - é disto que o conceito de agenciamento maquínico fala. Repetir não é criar automatismos, condutas mecânicas. A repetição que está envolvida na arte-aprendizagem é como a do músico que ensaia duramente até poder viajar na melodia ou a de um ator que ensaia até incorporar o espírito do personagem, até cavar uma profunda intimidade com ele, até encarná-lo, corporificá-lo e com isso espantar a mediação da representação.

Dito de outra maneira, o melhor aprendiz não é aquele que aborda o mundo através de hábitos cristalizados, mas aquele que consegue permanecer sempre em processo de aprendizagem. O processo de aprendizagem permanente pode, então, igualmente, ser dito de desaprendizagem permanente. Em sentido último, aprender é experimentar incessantemente, e fugir ao controle da representação. É também, nesse mesmo sentido, impedir que a aprendizagem forme hábitos cristalizados. Aprender é estar atento às variações contínuas e às rápidas ressonâncias, mas isso implica, ao mesmo tempo, uma certa desatenção aos esquemas práticos de reconhecimento. O jogo entre uma certa atenção e uma espécie de desatenção que lhe é correlata foi tematizado por Bergson (1934), que fala de uma atenção à vida pragmática utilitária, mas também de uma "atenção suplementar", que é atenção à duração. A primeira assegura a aprendizagem como solução de problemas, mas é a segunda modalidade de atenção que assegura a aprendizagem como invenção de problemas.

A psicologia da aprendizagem só entende a aprendizagem como solução de problemas. Lembramos, no entanto, que para Maturana e Varela o conhecer está situado no âmbito do existir. Há uma ampliação do conceito de cognição, que é traduzida num aforismo: conhecer é viver. Quando Varela vê, no aprendiz da

- aprende - constantemente fugir da regra  
- estar atento às variações - CONTINUA

flauta, o caso exemplar de uma aprendizagem que permeia toda a nossa vida, aprender ganha o sentido inédito de ser sensível ao diferencial do objeto e se aproxima da concepção deleuziana de aprendizagem como processo temporal, que envolve a contínua invenção de problemas. O melhor desempenho não é assegurado pelo domínio de uma técnica. A performance implica um agenciamento com fluxos, aprendizagem sempre envolvendo devires paralelos. A aprendizagem exige destreza no trato com o devir. Aprender é, antes de tudo, ser capaz de problematizar, ser sensível às variações materiais que têm lugar em nossa cognição presente.

Com essa idéia nota-se uma bifurcação em relação às teorias psicológicas da aprendizagem, que variam no tocante à participação ou não da inteligência, mas têm em comum considerar a aprendizagem como sendo acerca de algo exterior ao organismo. Assumindo o pressuposto realista de que o mundo serve como fundamento para a aprendizagem, não concebem a invenção de problemas, mas partem de problemas dados ou propostos pelo experimentador, cujas soluções são antecipáveis e marcadas pelo determinismo. Ao contrário, para Varela e Maturana a aprendizagem é entendida através da noção de acoplamento estrutural. Falamos em acoplamento estrutural quando há a criação de regularidades corporais e comportamentais que asseguram a manutenção de uma compatibilidade entre o operar do organismo e o meio em que ele se dá. O modelo, se pode falar assim, é da dúpla captura. O meio não instrui, não transmite informações. Não há determinismo, pois o próprio meio só existe enquanto for confiado pelo vivo. Não há meio *a priori* ou absoluto. Não se pode, portanto, falar em aprender algo previamente existente. O que eu aprendo só surge com o meu aprender. É a minha música que eu aprendo a tocar e não a música abstrata ou de outro instrumentista. Aprender a pensar é aprender a pensar seu próprio pensamento, aprender a viver é aprender a criar seu próprio estilo. Não há causalidade linear, mas produção recíproca, invenção simultânea de si e do mundo.

Se os problemas não são dados, mas inventados, as soluções são contingentes e imprevisíveis: formas cognitivas mais ou

108 (DÚPLA CAPTURA)

- SUBJETIVIDADE  
+ COSMICO INVENTIVA -

menos inventivas, diferentes mundos. Além disso, a solução não mata o processo de problematização. Entretanto, destaco a questão das soluções porque ao pensar no devir da conduta não esgotamos a questão da aprendizagem e, acrescento, da produção da subjetividade. Como advertem Deleuze e Guattari devir não é o mesmo que produzir. A invenção da cognição é em parte devir e em parte de produção. É devir porque se dá por bifurcações, por divergência em relação a si mesma. Mas é produção no sentido em que gera produtos, porque é produção de si e produção do mundo. Estas são as duas faces da aprendizagem: a face em que ela é potência, a virtualização da ação, e a face em que é o processo que conduz a soluções - a corporificação do conhecimento e a invenção de um mundo. O conceito de *breakdown* dá conta da face-problematização, enquanto o de atuação aponta para a face-solução da aprendizagem.

Quando Varela fala de invenção do sujeito e do objeto, há aí uma nova colocação do problema do conhecimento. Não se trata de perguntar como a cognição põe em relação um sujeito e um objeto, mas como, do exercício concreto da cognição, surgem sujeito e objeto. Colocar em primeiro plano o problema da invenção não consiste em buscar, na investigação do sujeito, uma causa ou os mecanismos da invenção, mas em encontrá-lo ao final, efeito de um processo inventivo que envolve instâncias pré-subjetivas e pré-objetivas. Todos esses pontos apontam para uma concepção de sujeito cognitivo muito mais próxima do conceito de subjetividade, tal como trabalhado por Deleuze e Guattari, do que do conceito de sujeito do conhecimento, tal como aparece na tradição psicológica e cognitivista.

Com essas observações chamo a atenção para a questão dos produtos da invenção - para os inventos. Inventos que, não resultando de uma causalidade linear, são variáveis, contingentes e imprevisíveis. Em outros termos, os sujeitos e os mundos são inventados, criam-se formas, regularidades, estratos históricos, embora estes se conservem em constante processo de transformação. Após ter trabalhado sobre uma concepção de aprendizagem em que a teoria da autopoiese e os estudos da produção da

PMÉ - OBJ.  
- SUB.

109

subjetividade se fecundam mutuamente, não poderia deixar de levantar alguns problemas que me parecem especialmente pertinentes para as novas formas de subjetividade que se configuram no contemporâneo.

O mundo contemporâneo se encontra em intenso processo de transformação. Mundo que as tecnologias fazem cada vez maior, de dimensões indefinidas e contornos incertos. Somos afetados por todos os lados por estímulos e informações novas. Vivemos hoje uma era inflacionada de novidades. Mais do que nunca, a subjetividade é convocada a se reconfigurar, ela deve aprender a lidar com os *breakdowns*, com as perturbações que lhes chegam. Por outro lado, as rápidas e mesmo atordoantes transformações, bem como a aproximação *on-line* com culturas as mais diversas, evidenciam, cada vez mais, a precariedade de todo e qualquer suposto fundamento que possa ser fornecido pelo mundo. O que me parece importante destacar é que, se no contexto contemporâneo somos afetados por todos os lados por perturbações, as soluções não estão asseguradas. As formas de subjetividade existentes são problematizadas, revelam-se precárias, mas nem sempre é fácil dar corpo a tais perturbações, dar consistência a tais experiências, consistência corporal, o que é indissociável da formação de um domínio cognitivo ou território existencial, pois não há como separar os termos. A invenção de si não pode se dar sem a invenção de um mundo correlato. A questão é então: como aprender a viver num mundo onde, mais do que nunca, evidencia-se a inexistência de fundamentos sólidos ou permanentes e, ao mesmo tempo, evitar a problematização ociosa, que puxa como um buraco negro?

A saída para esse impasse encontrada-se no próprio conceito de atuação – a consistência corporal do conhecimento é indissociável da invenção de um mundo. Logo, se queremos criar novas formas de conhecer e viver, não podemos nos furtar de inventar um mundo. Aprender a viver num mundo sem fundamentos é inventá-lo ao viver. Ora, tal formulação possui, a meu ver, uma natureza não só teórica, mas também política. Tomo como exemplo um fenômeno que caracteriza de maneira bastante notável o

mundo do trabalho na atualidade: a apologia da flexibilidade e da aprendizagem permanente. Não são poucas as referências, nos dias atuais, à importância de selecionar profissionais que aliem rapidez e habilidade para tratar com fatos novos e imprevisíveis. Buscam-se profissionais altamente adaptáveis a modificações contínuas nas situações de trabalho, capazes de suportar, sem dificuldades, a rotatividade dos cargos e o desempenho de funções variadas. Em outras palavras, o mercado almeja profissionais quase sem história, ou antes, onde a história só inscreveu as regras de uma adaptabilidade geral e indiscriminada. Destituídos de singularidade, capazes de se transmutar eficientemente em múltiplos indivíduos, seriam esses os novos atletas do devir?

É certo que essa descrição não se confunde com a de uma arte-aprendizagem, tal como me referi antes. O aprendiz-artista pratica uma política de invenção. Sua aprendizagem sempre em curso, aprendizagem permanente, é estar inventando a si e o mundo num mesmo movimento – são duas obras, dois inventos indissociáveis. Diferentemente, a flexibilização que hoje é buscada no desempenho profissional é comprometida com a produção de um corpo talhado especialmente para ultrapassar seus próprios limites. Aqui toda flexibilidade está a serviço do cliente, da empresa, do mercado. Não há qualquer alteração no plano da política cognitiva, que resta sendo uma política recognitiva. Adotá-la significa, nesse caso, a conversão de um certo mundo, mundo neo-liberal, globalizado, acelerado, numa espécie de mundo transcendente. A título de iniciativa, incentiva-se o despotismo, em nome da estratégia e sob o semblante da inventividade, uma relação servil com mundos já construídos. A questão continua sendo de adaptação a um mundo dado. Apenas esse mundo, por tornar-se mais veloz, exige subjetividades também mais aceleradas.

## Referências:

- BERGSON, H. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- . “Le possible et le réel”. In: *La Pensée et le Mouvant*. Paris: PUF, 1962.
- . “O Pensamento e o Movente – Introdução”. In: *Bergson*, col. Os Pensadores. Abril Cultural, 1979.
- DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- . “Foucault, Historiador do Presente”. In: C. H. Escobar (org) *Dossier Deleuze*. Rio de Janeiro: Hólon, 1991.
- . *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mille Plateaux*. Paris: Minuit, 1980.
- FOUCAULT, M. (1969) *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- GUATTARI, F. *Caosmose*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- KASTRUP, V. (neste volume) “Autopoiese e Subjetividade – sobre o uso da noção de autopoiese por G. Deleuze e F. Guattari”.
- . *A Invenção de Si e do Mundo – Uma Introdução do Tempo e do Coletivo no Estudo da Cognição*. Campinas-São Paulo: Papirus, 1999. Nova edição: *A Invenção de Si e do Mundo – Uma Introdução do Tempo e do Coletivo no Estudo da Cognição*. Belo Horizonte, Autêntica, 2007.
- . “Acting, Learning, Enacting”. Anais do Simpósio Internacional de Autopoiese. UFMG, 1997.
- MATURANA, H. e MPODOZIS “Origen de las Especies por Medio de la Deriva Natural”. In: *Revista do Museo Nacional de Historia Natural*, Chile. Publication Ocasional, n. 46, 1992.
- MATURANA, H. e VARELA *El Arbol del Conocimiento*. Madrid: Debate, 1990.
- NIETZSCHE, F. *Seconde Consideration Intempestive: D'Utilité et Inconvenients des Études Historiques pour la Vie*. Paris: Flammarion, 1988.
- VARELA, F. *Connaître*. Paris: Seuil, 1989.
- . *Sobre a Competência Ética*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- . “The Reenchantment of the Concret”. In: *Zone*. Ed. Jonathan Crary and Sanford Kwinter. MIT, n. 6.
- VARELA, F., THOMPSON, E. e ROSCH, E. *L'Inscription Corporelle de l'Esprit*. Paris: Seuil, 1993.